

SAÚDE

DRAUZIO VARELLA

Com quadro fixo no *Fantástico*, o médico, autor do livro *Estação Carandiru*, é assediado como astro da tevê

ESCREVER É UM PRAZER ENORME. TEM ESCRITORES QUE FALAM DO PROCESSO SOFRIDO, MAS PARA MIM É O OPOSTO A ISSO. É UM PRAZER QUE VOCÊ TEM SOZINHO

Alethea Muniz e
João Luiz Marcondes
Da equipe do Correio

Quando ele anda na rua, as pessoas cochicham, apontam, soltam risinhos. Algumas tomam coragem e chegam perto. Cumprimentam, pedem autógrafo, conselhos, receitas, elogiam. Simpático, o paulistano Drauzio Varella, 59 anos, nascido no então operário bairro do Brás, tenta atender a todos, mas é impossível. Hoje, ele não pode se dizer apenas médico. É escritor premiado,

articulista do jornal *Folha de S. Paulo*, repórter do *Fantástico* (Rede Globo) e apresentador de programa no canal 'Universitário (retransmitido em Brasília pela TV Senado). Sobre o assédio, de deixar pretensos *popstars* enciumados, ele responde com simplicidade. "A vida muda né? É um preço que a gente paga."

Seu livro *Estação Carandiru* — lançado em 1999 pela Companhia das Letras e vencedor do Jabuti, prêmio mais importante da literatura nacional — foi adaptado para o cinema pelo diretor argentino, naturalizado brasileiro, Hector Babenco, autor de *O Beijo da Mulher Aranha*

(com Sônia Braga e William Hurt) e *Ironweed* (com Jack Nicholson e Meryl Streep). Está em fase de finalização e deve estrear no próximo ano. A proximidade com a arte começa em casa. Varella é casado com a bela atriz Regina Braga, protagonista da peça *Um Porto para Elizabeth Bishop*, de Marta Góes. Fã de Machado de Assis, diz escrever compulsivamente, até 14 horas seguidas e, nesse ofício, se dá nota 5. "Considerando o Machado como nota 10", explica, em tom de brincadeira.

Depois de se tornar ícone da divulgação sobre os perigos da Aids, à época em que dava dicas na

MTV, o doutor Varella se volta agora para um projeto sobre câncer — sua especialidade na área médica. "Estou escrevendo um livro sobre esse tema no estilo *Estação Carandiru*", adianta. Foi fumante por 19 anos e hoje acha que as campanhas governamentais sobre o assunto estão longe do ideal. Ao tratar da questão em novo quadro do *Fantástico* (batizado de *Fôlego*), espera que pelo menos 1% dos telespectadores fumantes abandonem o vício. Em Brasília para participar, ontem, do projeto *Rodas de Leitura*, no Centro Cultural Banco do Brasil, o médico multimídia deu a seguinte entrevista ao *Correio*.

Doutor e popstar

CORREIO BRAZILIENSE — O *Rodas de Leitura* é um projeto que convida escritores e o senhor vem de carreira médica. O senhor hoje se sente mais escritor, médico, apresentador ou repórter?

DRAUZIO VARELLA — Neste momento, a medicina continua ocupando dois terços do meu tempo, pelo menos. E o restante divido entre as outras atividades — programa na televisão, o *Carandiru*. Todo o tempo livre que tenho uso para escrever.

CORREIO — E quando o senhor tem tempo livre?

VARELLA — Às vezes à noite, às vezes acordo muito cedo para escrever. Acordo às cinco e escrevo até as oito da manhã, me arrumo rápido e saio. Também escrevo muito quando viajo. No avião, no aeroporto. Se tiver 20 minutos, uso esse tempo para engatar um pouco mais na escrita. Às vezes, consigo roubar um tempo, pegar um fim de semana livre para escrever, quando sou capaz de ficar 12, 14 horas escrevendo direto.

CORREIO — Escrever é um prazer?

VARELLA — Para mim, escrever é um prazer enorme. Tem escritores que falam do processo sofrido, mas para mim é o oposto a isso. É um prazer que você tem sozinho, sem necessidade de companhia, de música... para ter esse prazer você não precisa nem da aprovação alheia. Quando você escreve uma coisa e acha que ficou boa, sente um prazer independente dos outros gostarem ou não. É claro que se gostarem, melhor.

CORREIO — Desde quando o senhor escreve?

VARELLA — Há muito tempo, mas sempre assuntos médicos ou nas implicações da medicina com a sociedade. Escrever uma história, foi com o *Estação Carandiru*. Comecei em 1996 e foram três anos de trabalho. Não comecei a escrever o *Carandiru* como livro, engraçado. Tinha aquelas histórias que eu contava para os amigos e todos ficavam muito curiosos. Minha intenção inicial era escrever uma coluna policial para jornal popular.

CORREIO — O que o senhor está escrevendo no momento?

VARELLA — Estou escrevendo um livro que fala de minha experiência de 30 anos lidando com doentes com câncer, doenças graves. Esse livro é basicamente a transformação que as pessoas sofrem quando rece-

bem a notícia que lhes dá consciência que a vida pode terminar. A transformação que a pessoa sofre diante da perspectiva da morte. Não que ela vá ocorrer, obrigatoriamente. Não estamos falando da morte teórica — "ah, vou morrer um dia" — mas do ponto de vista prático. Das coisas que eu vi, que eu assisti.

CORREIO — O senhor fará um livro romancado?

VARELLA — Nunca é possível ser completamente realista, porque estaria expondo as pessoas. É um tipo de *Estação Carandiru*.

CORREIO — Vamos falar um pouco do trabalho na mídia. Alguns médicos fazem isso, mas o senhor é certamente o maior nome...

VARELLA — O mais metido, né?

CORREIO — O senhor ouviu muito esse tipo de comentário?

VARELLA — Hoje não mais, pelo menos não fico mais sabendo. Mas no começo falavam. Agora, só se for muito longe de mim... é claro, ninguém gosta que digam que você faz tudo para aparecer. E tinha gente que falava.

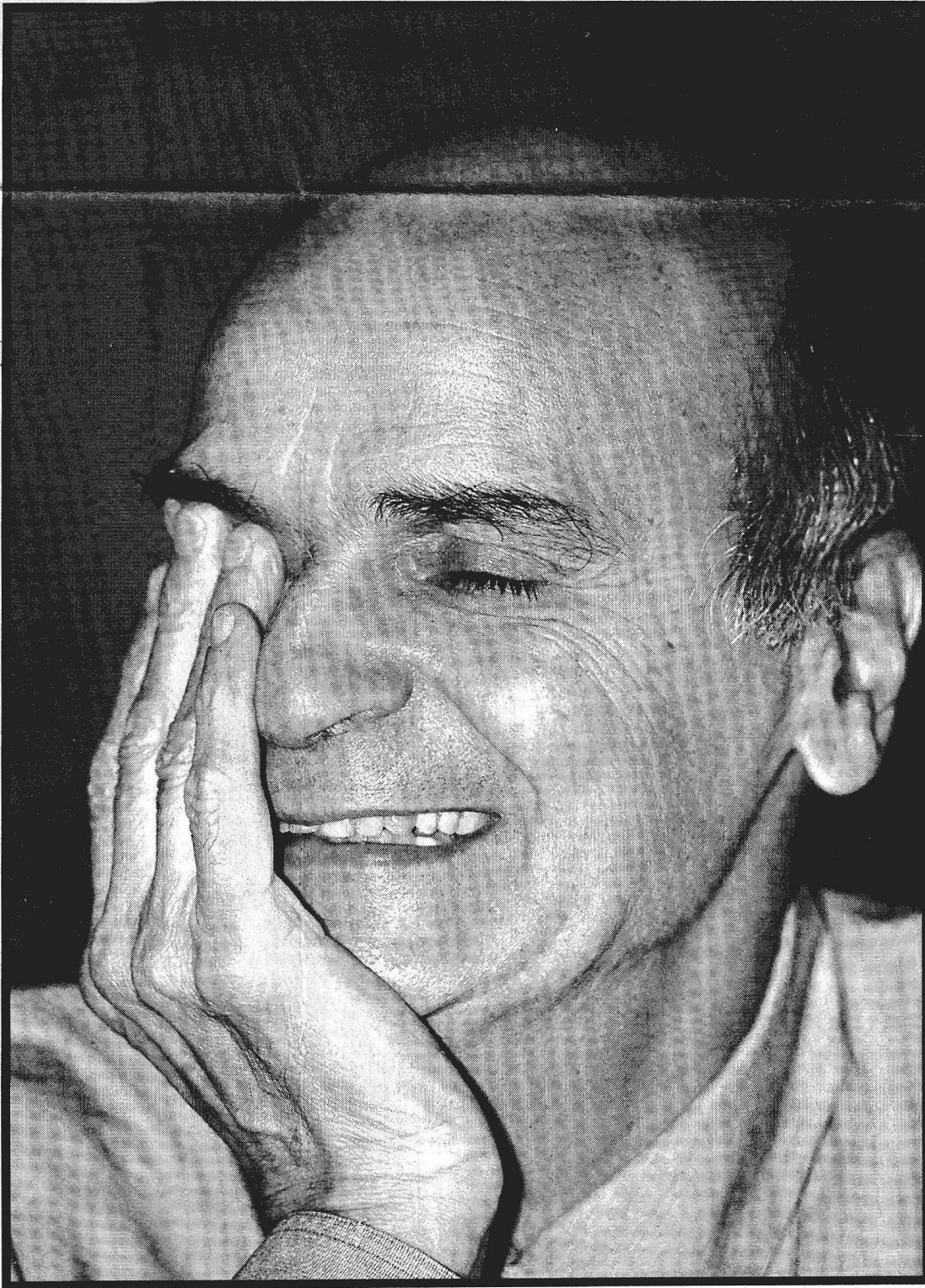
CORREIO — Como iniciou essa relação com a mídia?

VARELLA — Quando me formei, queria fazer saúde pública. Naquela época, tinha que ser empregado do governo, e eles pagavam muito pouco por dedicação integral, que não dava para o aluguel e o condomínio. Em 1993, fiz estágio em Nova York e entrei em contato com a Aids, quando apareciam os primeiros doentes com aqueles casos com doenças de pele. Foi quando tomei consciência de que iria acontecer uma grande desgraça no Brasil. Se aqui está acontecendo isso, imagina quando chegar lá, que a população homossexual é grande nas cidades. E existiam os usuários de drogas injetáveis. Quando voltei, escrevi um artigo para jornal. Depois disso, os jornalistas passaram a me ligar em todas as matérias que iam fazer sobre Aids.

CORREIO — E a televisão?

VARELLA — Em 1995, fui a um congresso nos Estados Unidos sobre Aids. À época, era novidade os tratamentos combinados para Aids, no lugar do AZT, o mais comum usado por aqui. Voltei para o Brasil decidido a fazer alguma coisa. Para se aprovar um tratamento desse no país, demoraria um ano na burocracia da vigilância sanitária. Liguei para o Jô Soares, que é meu amigo, e disse que queria dar uma entrevista em seu pro-

Fotos: Ronaldo de Oliveira



DRAUZIO VARELLA APOSTA EM *FÔLEGO*, QUADRO SOBRE FUMO DO *FANTÁSTICO*: CEM MIL PODEM PARAR DE FUMAR

grama. Falei que o tratamento com AZT era coisa do passado e que, se o governo não aprovasse logo as drogas combinadas, seria um crime. No dia seguinte, minha vida virou um inferno, recebia até 50 ligações por dia. As pessoas queriam saber como era aquilo. Na hora da confusão, até me arrependi, mas depois pensei que poderia atingir um grande público e agilizar certas coisas participando dessa forma.

CORREIO — Como está o programa da Globo?

VARELLA — Agora estamos fazendo uma série sobre fumantes. Fomos fazer um *povo fala* na rua Barão de Itapetininga

(no centro de São Paulo). Aí foi aquele amontoado de gente em volta do carro da Globo, da equipe de reportagem. Fiquei chocado com o número de pessoas — desde os mais humildes até advogados — que disse que pararia de fumar. Fiquei emocionado, isso atinge uma dimensão que nem sei. Se eu conseguir uma audiência no *Fantástico* de 40 milhões de pessoas, 80% são adultos. E um terço desses é fumante. Ou seja, são cerca de dez milhões de fumantes. Digamos que 1%, um percentual baixo até, decida parar de fumar. Poxa, são cem mil pessoas. Vou ter curado mais pessoas que em três gerações trabalhando como médico.

Imagine a quantidade de sofrimento que você consegue abortar antes que isso aconteça.

CORREIO — A campanha contra o cigarro está cada dia mais agressiva. Há algum exagero nisso?

VARELLA — De forma alguma. É pouco, muito pouco. Não existe na sociedade moderna nenhuma iniciativa de saúde pública que chegue perto da abrangência dessa estratégia de diminuir o número de fumantes entre a população. A qualidade de saúde dos adultos mudaria muito. De cada três adultos, um fuma. Quando se fala em cigarro, normalmente, associa-se a câncer, derrame, in-

farto. Mas não é só isso. Há o custo financeiro enorme para a saúde pública. E para a qualidade de vida. No fumante, um resfriado, que deveria passar em dois dias, dura uma semana. Um jovem de 25 anos, que fuma desde os 17, se cansa ao subir três lances de escada.

CORREIO — E campanhas contra as drogas, como a realizada pela novela *O Clone*. São eficientes?

VARELLA — Não vi a novela, vejo pouca tevê. O problema, em minha opinião, é que tudo é colocado no mesmo saco. Você mistura ovos com pregos. Pega o jovem que fuma um *baseado* numa festinha — tudo bem, há o risco de evoluir para algo pior — mas não tem a mesma capacidade de adição de outras drogas. Como, por exemplo, o menino da periferia que cheira cola e fuma crack. É um erro tratar tudo igual. É um erro só ficar dizendo que droga mata e pronto. Tem de dizer droga é bom. Você toma um vinho, se sente bem, fuma um *baseado* e relaxa. Senão você diz que mata, daí o garoto fuma um *baseado*, oferecido por um amigo, e se sente bem. Daí ele vai dizer: 'tão de sacanagem, mata nada'. O certo é dizer que da primeira vez ele se sente bem, da segunda já é menos. E que ele vai precisar de cada vez mais para se sentir bem. Toda droga induz a tolerância, é natural. Cada vez vai aumentar mais a quantidade de drogas para ter um efeito menor.

CORREIO — O senhor é a favor da discriminação de algumas drogas, como a maconha?

VARELLA — Quanto à discriminação, já não há mais dúvida. O viciado é doente, mesmo o fumante de cigarro é doente. A droga dá prazer. É uma forma de compensação. Ela dá um curto circuito no cérebro. Você está cansado, triste, se sentindo mal, e ela muda isso. Tem de ser tratado como doente.

CORREIO — E a legalização da maconha, muito discutida atualmente... Qual sua opinião?

VARELLA — Olha, sempre fui contra, mas agora já não sei mais. Depois que li uma reportagem na *The Economist* (revista inglesa), fiquei confuso. O dinheiro que se gasta para combater o tráfico, todo esse aparato... Acho que o estado tem o dever de proteger o cidadão de outros cidadãos, não dele mesmo. Quer dizer, vai proibir o sujeito de andar de moto?